

21 - OSMUNDO PONTES

CADEIRA Nº 21
PATRONO: JOSÉ DE ALENCAR

OSMUNDO PONTES

Francisco OSMUNDO PONTES, filho de José Manassés Pontes e de Maria Sabino Pontes, nasceu em Rio Purus, no Amazonas, no dia 4 de novembro de 1920. Desde criança reside no Ceará, tendo feito o curso primário no Grupo Escolar José de Alencar, o secundário no Colégio Castelo Branco, e o pré-universitário no Liceu do Ceará, após o que ingressou na Faculdade de Direito do Ceará, pela qual se bacharelou em 1945. Jornalista, fundou e dirigiu a ***Revista Contemporânea,*** *que circulou de 1939 a 1969, e o jornal* ***Diário da Tarde,*** *sendo ainda colaborador de vários outros periódicos, como o* ***Correio do Ceará, O Povo,*** *de Fortaleza, e o jornal* ***O Dia,*** *de Teresina, Piauí. Ainda estudante, dirigiu o Boletim de Propaganda do Centro Estudantal Cearense; também foi diretor das revistas* ***Terra da Luz*** *e* ***Mocidade,*** *tendo sido fundador desta última. Foi Diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda do Governo do Estado do Ceará, em 1945. Juiz do Tribunal Regional do Trabalho da 7ª Região, do qual foi por três vezes Presidente. Ainda na década de 40 havia sido Procurador Judicial de Terras do Ceará, e exerceu, durante vinte anos, o cargo de Juiz Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Fortaleza, nomeado em 1946. Membro da Academia Nacional de Direito do Trabalho, é sócio honorário do Instituto do Ceará, e sócio correspondente da Academia Amazonense de Letras, da Academia Maranhense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e da Academia de Estudos e Letras de Sobral. É ainda sócio da Sociedade Brasileira de Direito Internacional e do Instituto Latinoamericano de Derecho del Trabajo. Entre os títulos e condecorações que tem recebido, destacam-se os seguintes: Oficial da Ordem do Mérito Judiciário, pelo Tribunal Superior do Trabalho; Amigo da Marinha — Diploma da Marinha do Brasil —; Amigo da Indústria, outorgado pela Federação das Indústrias do*

Ceará; Medalha da Ordem de Benemerência (no grau de Comendador), conferida pelo Presidente da República de Portugal; Medalha Graça Aranha, da Academia Maranhense de Letras; Medalha do Mérito Bancário; Medalha do Mérito Turístico, da Prefeitura Municiapal de Fortaleza; Cidadão de Fortaleza; Amigo dos Trabalhadores, título conferido pela Classe dos Trabalhadores do Piauí; Diploma de Honra ao Mérito, da Sociedade Beneficente Dous de Fevereiro, por serviços prestados à Comunidade luso-brasileira, etc. Osmundo Pontes é ainda membro efetivo da Academia Cearense de Retórica, entidade da qual foi Presidente. É também do Conselho Estadual de Cultura. Obras publicadas: ***Notícia Histórica de Massapê*** *(1945),* ***Portugal e Outras Pátrias*** *(1986),* ***China: Homem e Paisagem*** *(1988) e* ***Portugal dos Meus Amores*** *(1989). Vários de seus trabalhos jurídicos têm sido estampados na* ***Revista do Trabalho*** *e na* ***Revista de Legislação Trabalhista.*** *Falando sobre um de seus livros, disse o General Aurélio de Lira Tavares, da Academia Brasileira de Letras: "Osmundo Pontes, pelo muito que estuda e conhece, nos conta as suas viagens, com observação de quem vai ver de perto, na geografia do mundo, conhecendo a sua história. Li, por isso, o seu livro com as impressões de estar fazendo turismo cultural."*

OBRA DE DEUS E DO HOMEM

Acompanhai-me, primeiramente, a uma visita ao Parque Nacional de Monsanto, a dois passos de Lisboa. Depois de percorrê-lo havereis de afirmar, como eu, vendo-o um tanto abandonado e triste:

— Onde se escondem a sonhar os poetas de Lisboa, onde estão os novos pintores ansiosos pelos fulgores e belas tintas, onde se perdem os artífices da música em busca de divinas melodias, que não sobem ao novo paraíso que se eleva sobre a cidade como uma coroa de glória? Lisboeta de bom gosto, forasteiro civilizado, por onde gastas as tuas horas livres do dia que não vens tonificar o corpo e a alma, recrear o espírito nesse maravilhoso jardim suspenso sobre o Tejo?!

Deixando espraiar a vista, aspirando os perfumes fortes das árvores, tem-se a impressão, pelo relevo, pela cor, pelo marulhar da folhagem, pelo murmúrio e pelos silvos do vento, de que estamos a absorver por todos os sentidos a perturbante sinfonia da terra em festa.

Como não faço versos, nem pinto, nem componho música, entreguei-me naquela tarde calma, em que estive no adorável bosque, à observação das árvores e à evocação que me traziam. As árvores, como é sabido, além de terem, como os reis, a sua história, possuem vida, sentem, como as pessoas, alegrias e tristezas: as alegrias da Primavera, as melancolias do Outono, as tristezas do Inverno e as fadigas do Verão. E, como as pessoas, são mais ou menos sensíveis. E assim, uma vez que se trata de seres vivos, é preciso para cada lugar as próprias, as mais sugestivas e acolhedoras: para os ambientes de saudade, como os cemitérios e os jardins dos palácios abandonados, o cipreste frio, ansioso de céu; os cedros, os carvalhos, os pinheiros, as magnólias, que envelhecem com elegância e dão boa sombra, para os parques nobres; os castanheiros, as amoreiras e todas as que, além de frutos, dão flores e parecem sorrir, para quintais soalheiros, onde os pobres possam ir aquecer-se e colher um pouco de esperança.

A obra de Deus em Portugal é toda ela assim: bela, grande, maravilhosa, soberba, incomparável.

Agora vejamos a do Homem.

Não conta, é certo, a terra lusitana templos como os de Colônia, Amiens, Chartres, Burgos, Milão, Vaticano; cidades como as de Toledo, Granada, Berlim, Amsterdam, Berna, Dusseldorf; museus como os de Madrid, Paris, Londres; palácios como os de Bruxelas, Anvers, Haia, Bruges, Aix-la-Chapelle; contudo revela, no que fez, arte e gosto de tão alto valor, que ainda hoje, quem percorre as suas terras encontra motivos de estudo e recreio, que não o deixam envergonhado por serem notáveis documentos de sua capacidade estética e prova irrefutável de sua contribuição artística em prol da civilização.

Portugal conserva em pedra relíquias de sua herança artística. Sente-se nessas pedras, coroadas pelo perpassar dos séculos, palpitar a alma portuguesa, refletir-se a intensa vida nacional, vibrar a atmosfera social da época gloriosa dos descobrimentos, em que Portugal, levando o facho da civilização a outros Continentes, fez altivamente:

"Cesse tudo o que a Musa antiga canta
Que outro valor mais alto se alevanta".

Quem visita Lisboa e passa por onde em tempos foi a praia do Restelo e hoje assenta a Praça Vasco da Gama, em Belém, os olhos prendem-se-lhes como que extasiados ante o soberbo Mosteiro dos Jerônimos, jóia preciosíssima que perpetua o sonho do grande Rei D. Manuel, que o esforço de uma geração de heróis tornou realidade — a descoberta do caminho marítimo para a Índia.

Do Mosteiro dos Jerônimos obrigatoriamente segui para a Torre de Belém, um pouco adiante e, igualmente, digna de ser admirada.

Se quisermos conhecer outros monumentos de não menor beleza, teremos de penetrar Portugal adentro, para vibrarmos diante de Alcobaça, Batalha e Tomar, esses três poemas em pedra que contam os rudes trabalhos do Conquistador, as heróicas façanhas da Ala dos Namorados e os épicos feitos dos imortais discípulos do Navegador.

Destaque para o Convento de Mafra, a Sé de Braga, os Claustros de Coimbra e os inúmeros castelos e fortalezas que se espalham por todo o país, obra ainda dos mouros.

Após render o culto de minha admiração sincera ao esforço e ao talento do Homem, gozemos um pouco das excelências proporcionadas pela obra incomparável de Deus. Passei um

domingo num dos lugares mais procurados e mais beneficiados pela natureza da pátria irmã, que não é outro senão a Serra de Sintra, "Trono de vicejante Primavera", como disse Garrett. O clima ali é sempre suave e a paisagem permanentemente bela. Os mais renomados poetas nacionais e estrangeiros têm descrito os encantos daquela região envolta em ondas de verdura. Assim os gênios da poesia viram esta "amena estância": "Ficava o caro Tejo, e a fresca serra / De sintra, e nela os olhos se alongavam..." (Camões). "Um jardim de paraíso terreal" (Gil Vicente). "Eis surge Sintra, edênica mansão, variegado matiz de montes e de vales..." (Byron). "Tudo em Sintra é divino: não há cantinho que não seja um poema." (Eça de Queiroz)

Passo por Coimbra, cidade que abriga a mais antiga das Universidades da Europa e dos estudantes que preservam a poética tradição das capas negras e onde não há ambiente para o mau gosto. Também vi Porto, a mui leal e sempre nobre e invicta metrópole portuguesa. Visitei os armazéns que guardam o mais saboroso vinho do mundo.

Paro por aqui. Na verdade gostaria de poder mais detida e sossegadamente falar sobre Portugal, sua terra e sua gente. Creio, no entanto, que neste esforço ficou visível a minha ternura por esse país e seu povo.

Uma análise que se faça da literatura portuguesa revela esse constante apelo dos lusos à terra — lógico, afinal, numa nação que talvez seja mais de agricultores do que de navegantes. Por um aventureiro como Fernão Mendes Pinto, por um português do mundo como Camões, quantos bucólicos cantores do torrão natal, quantos líricos enlevados, não ante as praias banhadas pelo Atlântico, mas pelas margens de rios caseiros, como o de Lima, o Vouga, o Mondego ou o Lis. Mesmo na novelística predominam as obras sobre a vida rústica, e compreende-se que assim seja porque, excetuando Lisboa e, em muito menor escala, Porto ou Coimbra, pela vida acadêmica, não existem no país centros urbanos independentes da circundante atmosfera campesina.

Já que estou falando em coisas típicas, não convém esquecer um regionalismo, muito ligado à tradição brasileira. Refiro-me às romarias portuguesas. Sempre que Portugal enfrenta os longos dias estivais, o país inteiro, de norte a sul, entra a dançar e a cantar. É o tempo das quermesses admiráveis de cor e de ruído, em que o povo exterioriza muitos dos seus sentimentos mais

profundos. No Minho e nas Beiras, em Trás-os-Montes e no Douro, na Estremadura, no Alentejo e no Algarve, sucedem-se, sob a canícula forte, as grandes festas populares, em homenagem devota ao santo padroeiro da terra, com a gente vinda de muitas léguas em redor e até com turistas atraídos pelos reclames das agências. Vem de longe, dos confins medievais da História lusa, esse espetáculo cheio de matizes e de sons, em que velhos trajos e velhos usos reaparecem, todos os anos, à luz brilhante do sol estival. O progresso nivelador e prosaico não consegue, felizmente, fazer desaparecer a tradição das festas e das romarias portuguesas, com o arraial vistoso, o sermão solene, a procissão comovedora de ingenuidade e de crença, tudo envolto em alegria e animação, em calor e poeira. Vale a pena assistir, como tive ocasião de ver, às romarias em Portugal. Por toda a parte se canta e se dança. Reza-se também nas capelinhas. Ouvem-se respeitosamente os sermões dos sacerdotes. E à noite os pirotécnicos demonstram sua habilidade, enquanto as violas tocam, os harmônios comandam os bailaricos ao ar livre, sob um céu polvilhado de estrelas, que parecem abençoar aquela alegria sã e aquela fé sincera num vira bem repinicado...

Faço minhas, neste momento, estas palavras de Lord Carnavon: "Se eu pudesse libertar-me de toda a parcialidade nacional e supor que era um habitante do outro hemisfério, e que me perguntavam em que país tinha a sociedade atingido a elevação máxima da polidez, responderia: em Portugal." Realmente, a polidez dos lusos é deliciosa, conforme pude constatar em minhas andanças por centenas de suas vilas e aldeias, porque não é de forma alguma artificial, antes pelo contrário, é derivada, em grande parte, da natural delicadeza de sentimentos. Nunca falha em apelo à caridade ou à cortesia dum verdadeiro português, do mesmo modo nunca se faz em vão um apelo apelo ao humanismo da Nação Portuguesa tomado no seu conjunto.

Pedro Álvares Cabral foi o primeiro português a chegar a Terras de Vera Cruz. Depois dele nunca mais parou o movimento entre Portugal e Brasil. A história dos dois países vem-se confundindo durante séculos. Para ser brasileiro não importa que haja sangue português. Mas devo dizer que o brasileiro que tem sangue português é duas vezes brasileiro. Os portugueses continuam sendo os contínuos descobridores do Brasil, os que, no tempo e no espaço, prosseguiram através dos séculos e gerações

a viver e a morrer no Brasil a continuidade eterna dos caminhos de Portugal. A expedição de Cabral trouxe o Brasil à vida histórica da comunidade lusíada, arrancando-o do mistério quase insondável das origens telúricas para a luz esplendorosa do mundo moderno.

Unidos no mesmo símbolo, Portugal e Brasil, juntos, podem celebrar a memória de quatro séculos e meio de grandeza, cujos passos ressoam em cinco continentes. Portugueses e brasileiros continuam unidos perante a História.

Portugal, terra sagrada três vezes no amor dos brasileiros; pela vocação augural do seu batismo, pelo sangue esparzido que a fecundou e pela constância espiritual com que se desenvolveu, opulentou e agora luz no mundo.

Pedro Álvares Cabral, que ao Brasil trouxeste o primeiro sangue português, acorda por um minuto do teu sono de pedra, apenas para ouvir e te convenceres de que unidos no mesmo símbolo Portugal e Brasil formam uma comunidade exuberante dos afetos em que se radicam. Certifica-te de que o caminho de Portugal e do Brasil é ainda o da Cruz que tu traçaste, ao pisar pela vez primeira a terra brasileira — e o destino que tu criaste por um claro entardecer tropical de abril, de há quase cinco séculos, é o da mesma História e o da mesma raça — Portugal e Brasil numa dupla pátria, a que tu fundaste!

Original fornecido pelo autor.